incansável. Durante os quarenta anos que a êles dedicou, suas contribuições científicas no campo da etnologia, da lingüística e da arqueologia abriram muitos caminhos a novos estudiosos, ainda não totalmente explorados (Egon Schaden, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,* nº 3, 1968, págs. 7-19). Mas não é uma tarefa simples dar vida ao retrato do etnólogo já doente, a empreender a pacificação de uma tribo muito temida, cercado por um grupo de homens que nem sempre o compreendiam e freqüentemente perturbavam o seu trabalho. O que apareceu no romance foi um homem distante e impasível, quase o estereótipo popular do cientista. E' bem verdade que o descreveram como pessoa arredia e de poucas palavras. Entretanto, um homem que depois de pacificar os parintintin e testemunhar o resultado disso para a tribo (o seu quase extermínio) declarou que nunca mais ajudaria a pacificar uma tribo; o homem para quem o português já não era a língua materna e que se dedicou pacientemente ao estudo das línguas de diferentes tribos, a fim de manter com os índios uma comunicação menos imperfeita; o homem que redigia Relatórios para o Serviço de Proteção aos Índios com aquela indignação contra os crimes dos "civilizados" que vitimavam os índios; o homem que, ao lado do rigor cada vez maior dos trabalhos científicos, não deixava de registrar o drama do jovem Yuruna de 20 anos, desprezado pela mulher que salvara da morte (16 anos), em favor de um seringueiro velho (que não era índio) (Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, em 18 de abril de 1940 in *Revista do Museu Paulista,* Nova Série, Volume VI, 1952, págs. 427-453); êsse homem tem uma estatura e uma vida interior que não chega a transparecer no chefe da expedição de *O instinto supremo*.

Apesar disso, se aceitarmos que a literatura pode contribuir para o estudo da História ou da Organização Social e Política, êste é um livro que deve ser incluido na bibliografia do estudo da Amazônia e de sua população.

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE

* *
*

FOLZ (Robert). — *The concept of Empire in Western Europe from the Fifth to the Fourteenth Century*. Edward Arnold Publishers. London. 1969. Tradução do francês por Sheila Ann Ogilvie. XIV + 232 páginas.

Êste livro de Robert Folz, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Dijon, examina o que a expressão "Império" significa para os povos da Europa Ocidental entre cêrca de 476, quando o Império Romano do Ocidente chegou ao fim e 1356, quando Carlos IV publicou o chamado Edito Dourado. Mostra como os povos em áreas diferentes e em séculos diferentes desenvolveram concepções variadas de acôrdo com as circunstâncias, lugar e tempo: "Império" significou grandeza e poder; teve importância religiosa ou representou simplesmente tamanho. A luta entre a Igreja e o Estado, Papa e Imperador, continuou através de todo o período e, os pensamentos dos homens eram freqüentemente influenciados pelas personalidades em questão. Movimentos para reformar a Igreja ou para "renovar" o Império apareciam com intervalos mais ou menos regulares.

O Autor apresenta os fatos históricos tendo como referência escritos que foram conservados (literários, legais e registros), rituais litúrgicos e a evidência material como sejam moedas, pinturas e insígnias e, salienta que a evidência depende

dos literatos e não leva em consideração os pensamentos não registrados dos atores — guerreiros e o povo comum. Entretanto, ainda que o poder político e os desejos dos governantes, no período, tenham significado na formação do conceito, o "Império" como ideal humano, romântico e inspirador, foi seu aspecto mais importante. Acima de tudo, à despeito da luta interna que levou à sua final dissolução, teve uma notável influência unificadora entre os povos dêsses tempos e por sua vez, mais tarde, afetou a evolução das futuras nações-estados.

CONTEÚDO.

Livro I. — *Os principais elementos do conceito medieval de Império.*

1. — Como o conceito de Império sobreviveu à queda do Império Romano Ocidental.
2. — O conceito de Império no tempo de Carlos Magno e o renascimento do Império Ocidental.
3. — Vicissitudes do conceito de Império no século IX.

Livro II. — *Extensão e fragmentação da noção de Império.*

4. — A diversidade do século X: o segundo renascimento do Império.
5. — O conceito de Império nos Estados Ibéricos.

Livro III. — *Tentativas de uma síntese: o Império entre a teoria e a realidade.*

6. — A éra otomana e sália.
7. — O conceito de Império e Papado.
8. — O conceito de Império como instituição romana.
9. — A doutrina e a mística de Império no tempo dos Hohenstaufens

Livro IV. — *O conceito de Império acima da realidade.*

10. — O conceito de Império como instituição romana no tempo do Grande Interregno (1250-1268).
11. — A controvérsia sôbre o conceito de Império.
12. — O conceito de Império no limiar dos Tempos Modernos.

Documentos.
Cronologias.
Índices.

E. S. P.

* *
*

CAMPOS (Fernando Arruda). — *Tomismo e neotomismo no Brasil.* São Paulo. Editorial Grijalbo. 1968, 242 págs.

Depois de proporcionar-nos a excelente trilogia sôbre a história das idéias no Brasil (filosóficas, religiosas e estéticas), a Editorial Grijalbo, voltada mais uma vez para a história da filosofia, apresenta-nos a obra em epígrafe, logo após o trabalho da Professôra Acerboni sôbre a filosofia contemporânea. O presente ensaio, como o próprio autor reconhece e proclama, é despretensioso e quer ser mais informativo do que crítico. Mas é, acima de tudo, prova de trabalho acurado, paciente, rico de honestidade intelectual e oportuno. A apresentação dos diversos matizes que tomou e vem tomando o pensamento tomista entre nós ajuda-nos a entender que o Tomismo é, antes de mais nada, fidelidade à intenção do mestre, isto é, ao dinamismo de seu espírito, aberto à verdade, capaz de libertar os acon-